

# A variação linguística no uso do pretérito perfecto compuesto espanhol: ponderações sobre o estado da arte.

The linguistic variation in the use of spanish pretérito perfecto compuesto: considerations about the state of the art.

Leandro Silveira de Araujo<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo visa realizar uma breve apresentação dos muitos estudos que tangenciam, de alguma maneira, a questão do *pretérito perfecto compuesto* no espanhol. Desse modo, buscamos viabilizar um confronto das diferentes conclusões sobre o comportamento da forma verbal, assinalar a complexidade que envolve o fenômeno e começar promover o pensamento de que essas variações no uso correspondem a estratégias e necessidades comunicativas dos falantes e sua visão de mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Pretérito Perfecto Compuesto*; Variação linguística; Língua Espanhola; Dialectologia; Argentina.

**ABSTRACT:** This paper is a brief presentation of the many studies that is tangent to, somehow, the issue of the *pretérito perfecto compuesto* in Spanish. Thus, we attempt to enable a conflict of different conclusions about the behavior of the verbal form, to set the complexity that involves the phenomenon and to start promoting the thought that these variations in use correspond to strategies and communicative needs of the speakers and their worldview.

**KEYWORDS:** *Pretérito Perfecto Compuesto*; Linguistic Variation; Spanish; Dialectology; Argentina.

## Introdução.

*Detrás de la variación se esconden las estrategias y necesidades comunicativas de los hablantes y su visión de mundo (ÁLVAREZ GARRIGA, 2009, p.2).*

---

<sup>1</sup> Possui licenciatura e bacharelado em Letras, com habilitação em Português e Espanhol pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

O quadro de análise que desejamos alcançar com o avançar deste trabalho deve reconhecer as pesquisas já realizadas sobre o *pretérito perfecto compuesto* (PPC - *Este año han tirado trescientos millones de litros de agroquímicos*) no vasto território onde a língua espanhola é falada. Com essa intenção, estabeleceremos um diálogo com as diferentes abordagens sobre o PPC à medida que verifiquemos a pertinência de cada uma delas e sua aplicabilidade ao contexto argentino. A opção pela maior atenção ao uso da forma composta nesse país deve-se ao nosso interesse em ressaltar a complexidade da realização desse fenômeno mesmo em uma zona relativamente mais atomizada (um país frente a todos os outros em que se fala espanhol). Deste modo, esperamos contribuir com uma visão crítica sobre o que já foi dito sobre a forma verbal e, sobretudo, colaborar para o conhecimento deste fenômeno linguístico nas regiões dialetais da Argentina.

Como veremos, grande parte dos estudos existentes sobre *perfecto compuesto* orienta-se pelo eixo dicotômico: espanhol peninsular *versus* espanhol americano, isto é, ou se faz o cotejamento entre esses dois grandes blocos ou se desenvolve um estudo supostamente aplicável a um deles. Não obstante, diante das tantas propostas de divisão dialetal já apresentadas, parece-nos questionável uma abordagem que trate como uniforme a língua espanhola empregada na larga extensão territorial que envolve ambos os eixos. Em relação à extensão descritiva das análises, verifica-se uma quantidade significativa de trabalhos cuja observação do uso do PPC restringe-se a breves comentários, pouco sistematizados e que apontam, *grosso modo*, o uso ou a ausência da forma em uma macrorregião ou um país.

Por outro lado, devemos reconhecer importantes estudos que, após uma análise mais extensiva, propõem uma descrição aparentemente sustentável do uso e valores atribuídos ao *perfecto compuesto* em algumas regiões específicas. Dentro desse padrão de investigações, destaca-se a maior recorrência de trabalhos vinculados às variedades do México, às Ilhas Canárias, às variedades peninsulares – sobretudo à *Castellana*, tida como norma culta, e à variedade *porteña* (Argentina).

Aprofundando-nos na observação de estudos dedicados à análise do PPC no contexto argentino, além da já comentada recorrência de pesquisas, em âmbito internacional, sobre o espanhol *porteño*, notamos também uma relativa preocupação descritiva com o que diz respeito à zona noroeste do país. Por isso, parece-nos que o estudo do *pretérito perfecto compuesto* na Argentina tem se reservado, salvas as exceções, ou à variedade bonaerense ou à variedade Noroeste; possibilitando, eventualmente, o cotejamento de ambas as variedades.

Finalmente, devemos nos ater à tendência quase que generalizada à análise do uso do *pretérito perfecto compuesto* a partir da comparação com o *pretérito perfecto simple* – tratando, dessa maneira, as duas formas verbais como variantes de uma variável. Em outras palavras, ao assumir tal postura, parece se pressupor que o PPC e o PPS compartilham exatamente o mesmo valor linguístico. Pressuposto que consideramos questionável porque, do mesmo modo como afirma Alvarez Garriga (2009, p.2):

[...] cada forma aporta un significado diferente a la comunicación y [...] la elección por una u otra forma, lejos de ser libre o azarosa, es motivada por la intención comunicativa del hablante en su búsqueda por transmitir un mensaje coherente, según ciertos fines, en un contexto determinado [...] (ALVAREZ GARRIGA, 2009, p. 2)<sup>2</sup>,

acreditamos que, conforme o dialeto observado, ao *pretérito perfecto compuesto* podem-se associar diferentes valores que nem sempre são expressos pelo *perfecto simple* – assim como que a este também podem se associar valores não expressos por aquele. Desse modo, cremos que uma análise que verifique a variação de usos entre o PPS e o PPC – tratando-os como formas variantes – só deve ocorrer quando se tenha claro em que contexto(s) ambas as formas apresentam um mesmo valor semântico. Mais uma vez, justifica-se a importância deste trabalho, haja vista que assentará as bases para uma futura comparação entre ambas as formas, bem como para a

<sup>2</sup> <Tradução nossa> “[...] cada forma acrescenta um significado diferente à comunicação e [...] a eleição por uma ou outra forma, longe de ser livre ou ao acaso, é motivada pela intenção comunicativa do falante em sua busca por transmitir uma mensagem coerente, segundo certos fins, em um contexto determinando [...]” (ALVAREZ GARRIGA, 2009, p. 2).

avaliação das comparações já existentes. A seguir, iremos nos ater, mais pontualmente, ao conteúdo das pesquisas existentes sobre o *pretérito perfecto compuesto*.

### **O PPC nas Ilhas Canárias.**

Na observação da forma composta na variedade canária, destacam-se os estudos de Almeida (1987), Herrera Santana e Medina Lopez (1991) e Piñero Piñero (1998) – autores que, em comum, procuraram relacionar os dados do arquipélago à norma *castellana*. Deste modo, tanto Almeida (1987) como Herrera Santana e Medina Lopez (1991) concordam em igualar ambas as variedades:

[...] los usos de la forma compuesta presentan, en general, los mismos valores que los de la norma castellana; así, cuando la acción verbal abarca el momento de habla se prefiere el pretérito perfecto compuesto, sobre todo si va acompañado de locuciones temporales que incluyen el 'ahora'. (HERRERA SANTANA; MEDINA LÓPEZ, 1991, p.237)<sup>3</sup>.

Piñero Piñero (1998), por seu turno, assume uma postura mais cautelosa e relativiza essa aproximação. Segundo o autor, nas Ilhas Canárias o PPC apresenta um comportamento de transição entre as variedades americanas e peninsulares, pois, como também já haviam observado seus antecessores, os “contextos que dispõem de uma unidade de tempo que inclui o presente do discurso [*antepresente*] contam com uma presença significativa da forma simples”<sup>4</sup>.

### **O PPC na Península.**

---

<sup>3</sup> <Tradução nossa> “[...] os usos da forma composta apresentam, de modo geral, os mesmos valores que os da norma castelhana; assim, quando a ação verbal envolve o momento de fala, prefere-se o *pretérito perfecto compuesto*, sobretudo se vai acompanhado de locuções temporais que incluem o “agora” (HERRERA SANTANA; MEDINA LÓPEZ, 1991, p.237)’.

<sup>4</sup> Contextos que disponen de una unidad de tempo que incluye el presente del discurso cuentan con una presencia significativa de la forma simple (PIÑERO PIÑERO, 1998, p 125). A partir deste momento, estabeleceremos o padrão de traduzir para o português todas as citações em língua estrangeira menores de três linhas e, por isso, inseridas no corpo do texto. Os originais serão expostos em nota de rodapé. Assumimos a responsabilidade por todas as traduções feitas dentro deste padrão.

Dirigindo-nos aos estudos sobre as variedades peninsulares, observamos em manuais “consagrados” sobre a língua espanhola a tendência em opor *Galicia* e *Asturias* aos demais condados da Espanha. Esta é a postura, por exemplo, de Gili Gaya (1970), RAE (1986), Torrego (2002) e Alarcos Llorach (2005) – autores que asseguram, sem qualquer sistematização de dados e em um único parágrafo, o predomínio da forma simples nas regiões citadas e o predomínio da forma composta nas demais. Cartagena (1999, 2001), por seu turno, assume uma postura extremamente generalizadora ao afirmar ser possível observar a oposição PPS/PPC, na mesma proporção, ao longo de toda a Península. Em comum, tais abordagens procedem ao estudo do *pretérito perfecto* desconsiderando os diferentes valores que poderiam se associar às formas.

Há ainda outros trabalhos que seguem a abordagem generalizadora para o território peninsular (GUTIÉRREZ ARAUS, 1995; MORENO DE ALBA, 2000; COMPANY COMPANY, 2002; HOWE; SCHWENTER, 2003; OLIVEIRA 2006 e 2007); no entanto, contrariando os demais, estes aportam algumas informações relevantes no que diz respeito aos valores atribuídos ao *pretérito perfecto compuesto*. Assim, os três primeiros pesquisadores observam o valor estritamente temporal (isto é, de *antepresente*) no uso peninsular da forma composta. Seguindo a mesma tendência, Howe e Schwenter (2003) observam o crescente uso do *pretérito perfecto compuesto* abarcando, inclusive, valores temporais que outrora cabia ao *perfecto simple* expressar (este é o caso do valor de *passado absoluto*, por exemplo).

Apesar de também tratar de forma generalizada as conclusões provenientes do *corpus* de análise, em dado momento, Oliveira (2006 e 2007) explica-nos que suas afirmações são fruto da observação de artigos de jornais *madrileños*. Frente a essa informação, podemos inferir de seu estudo que, ao menos neste gênero e nesta variedade da Península, ainda é preponderante o uso da *forma simple* em contextos de concomitância (*antepresente*) e anterioridade (*passado absoluto*) ao momento de enunciação. Em particular, a

autora verifica no *corpus* de Madrid dois casos (3,2%) de PPC com valor de *passado absoluto*.

Entre os mais atentos à variação dialetal dentro da península e evitando conclusões generalizadoras de uso, figuram os trabalhos de Kany (1969), Hurtado González (1998), Santos (2009) e RAE (2009). O primeiro deles aponta a possibilidade de encontrarmos o PPC expressando os valores de *antepresente* e *resultativo* em *Navarra*, *Aragón* e parte de *Castilla la Vieja*, ao passo que na *Galicia*, notar-se-ia mais correntemente o uso do PPS expressando ambos os significados. Finalmente, o autor também observou em *Madrid* o uso da forma composta expressando *passado absoluto*. A RAE (2009) relata, de modo geral, a observação do valor *experiencial* e *resultativo* em todas as regiões onde se fala o espanhol e os valores temporais de *antepresente* e *passado imediato* em grande parte da península<sup>5</sup>.

Sobre a norma *madrileña*, Hurtado González (1998) analisa a esfera jornalística e aponta um crescente desuso da forma composta em favor da simples. Por outro lado, no “falar popular” diz haver a variação das duas formas quando portadoras de valor temporal. Ainda segundo o autor, o emprego do PPC estaria relacionado a noções de afetividade. Finalmente, também analisando a norma de Madrid, Santos (2009) aponta que a modalidade oral da língua favorece o uso do PPC. Assim, parece haver um significativo contraste entre as modalidades oral e escrita da língua.

## **O PPC nas variedades da América.**

A nosso ver, os trabalhos que se ativeram ao uso do *pretérito perfecto compuesto* no continente americano poderiam ser divididos em dois grupos: (a) o daqueles que não sistematizam seus dados e consideram relativamente homogêneo o uso do PPC na América e (b) o daqueles que tem uma maior

---

<sup>5</sup> Para melhor compreender os valores *resultativo*, *antepresente*, *passado imediato*, *experiencial*, *passado absoluto*, entre outros, sugerimos a leitura da dissertação de mestrado de título: Os valores atribuídos ao *pretérito perfecto compuesto* espanhol nas regiões dialetais da Argentina (ARAUJO, 2012a). Disponível em: <[http://portal.fclar.unesp.br/poslinpor/teses/Leandro\\_Silveira\\_Araujo.pdf](http://portal.fclar.unesp.br/poslinpor/teses/Leandro_Silveira_Araujo.pdf)>, acessado em 31 de março de 2013.

preocupação em descrever os usos tendo em vista países ou regiões mais específicas.

Inseridos no primeiro conjunto estão, por exemplo, os manuais elaborados por Gili Gaya (1970), RAE (1986), Torrego (2002) e Alarcos Llorach (2005), nos quais se explicitam, em aproximadamente três linhas, *todos* os usos das formas do *pretérito perfecto* na América Hispânica. É nessa breve análise que se assevera, por exemplo, o predomínio do PPS sobre o PPC em grandes zonas do continente. Segundo Torrego (2002) e Alarcos Llorach (2005) a sobreposição da forma simples poderia ser causada, inclusive, por uma atitude de hipercorreção.

Cartagena (1999, 2001), reconhece a diversidade de trabalhos sobre a variação dialetal do PPC no continente, no entanto, assume a mesma perspectiva de generalização encimada quando aplica a toda América as conclusões obtidas por Lope Blanch e Moreno de Alba sobre o uso do PPC no México. Soma-se à descrição do autor a observação da maior frequência da forma simples sobre a composta em *todo* o continente. Moreno de Alba (2000) também aponta a diminuição no uso do PPC em detrimento do PPS na América Hispânica, porém ressalva que isso não significa que o *perfecto compuesto* seja “uma forma em decadência, mas que sua função denotativa é diferente e seu campo de ação mais reduzido”<sup>6</sup>. Para o autor, essa diminuição deve-se a que, no continente, se enfraquece a atribuição de valores com traço temporal marcado e se aumenta a atribuição de valores com traço aspectual marcado.

Apesar de também reproduzir a ambição de descrever os usos do PPC em todas as variedades do espanhol na América, apresentando, inclusive, uma generalização pouco sistematizada e insuficientemente comprovável, os trabalhos de Kany (1969) e Howe e Schwenter (2003) destacam-se por indicar, eventualmente, a origem dos dados que lhes serviram de base para a análise. Assim, por mais que proponham uma descrição para o continente, sabemos

---

<sup>6</sup> “[...] una forma en decadencia, sino que su función denotativa es diferente y su campo de acción más reducido” (MORENO DE ALBA, 2000, p.187).

que suas asseverações são verdadeiras ao menos para o local de origem dos *corpora*.

Deste modo, Kany (1969) também acusa a preponderância da forma simples sobre a composta em contextos de *antepresente*, e verifica esse uso na Argentina, Uruguai, Chile, Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela, Panamá, Costa Rica, El Salvador, México, Santo Domingo e Cuba. Por sua vez, a atribuição do valor *resultativo* à forma composta foi verificado no Equador – onde também figuraria o PPC com valor de *ante-futuro* –, Argentina, Uruguai, Chile, Bolívia, Peru e Colômbia. Finalmente, o autor observa o uso do PPC com valor de *passado absoluto* na Bolívia, Peru, noroeste de Córdoba e na província de San Luis (Argentina). Antes de avançarmos um pouco mais, alertamos ao fato de o autor tratar cada um dos países como detentor de uma norma interna homogênea.

Howe e Schwenter (2003), por seu turno, generalizam suas conclusões para toda América do Sul, mas nos explicam que observaram, sobretudo, as variedades empregadas em Lima e La Paz. Assim, concluem que a parte sul do continente tem maior preferência pelo *perfecto simple* quando se trata de expressar temporalidade passada, independentemente da distância existente entre o momento do evento e o momento de fala. Por sua vez, o *pretérito perfecto compuesto* assume uma especificação funcional ao ser empregado mais comumente em enunciados sem marcação temporal explícita, incluindo, muitas vezes, situações prototipicamente expressas pela forma simples (*passado absoluto*).

Dentre os trabalhos inseridos no segundo grupo, isto é, daqueles que procederam ao estudo da variação do *perfecto compuesto* na América de modo mais sistematizado e atentos ao risco de uma falsa homogeneização, destacamos os estudos levados a cabo por Gutiérrez Araus (2001), Oliveira (2006, 2007), RAE (2009) e Jara (2009). A primeira autora sintetiza as pesquisas existentes sobre a situação dos pretéritos no México, Porto Rico, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Chile e Argentina e, somando suas observações pessoais, conclui ser possível verificar, no continente, três funções

atribuídas ao PPC: a) função de *antepresente* ou *passado de anterioridade imediata*, b) função de *perfeito resultativo-continuativo* e c) função *ênfaticadora*, chamada por nós de *passado absoluto* com relevância presente.

Oliveira (2007), por seu turno, observa notícias de jornais impressos de seis países hispano-americanos (Argentina, Bolívia, Chile, Cuba, México e Peru) e, considerando quantitativamente a expressão do *tempus* das formas composta e simples nesses países, assegura a existência de uma isoglossa única para toda a América, isso porque “no contexto latino-americano, parece não haver diferença significativa na frequência do PS e do PC” (OLIVEIRA, 2007, p.123). Segundo a autora, no espanhol americano, verifica-se a preponderância do *perfecto simple* nos contextos de *antepresente* e a completa ausência da forma composta em contextos de *passado absoluto*. Por nossa parte, adiantamos que tal afirmação deve ser problematizada, uma vez que tal como já foi afirmado por outros autores já citados (HOWE; SCHWENTER (2003); KANY (1969); GUTIÉRREZ ARAUS (2001)), bem como procuraremos mostrar com o resultado de estudos sobre as variedades argentinas, há uma quantidade significativa de variedades dialetais do espanhol que acusa a existência do *pretérito perfecto compuesto* expressando eventos em *passado absoluto*.

Ao encontro do que comentamos, a *Nueva gramática de la lengua española* (RAE, 2009) explicita a existência do PPC expressando o valor de *passado absoluto* na costa peruana, na Bolívia, no Paraguai e no noroeste da Argentina. Sobre os sentidos de *antepresente* e *hodiernal*, o manual diz que, além destas áreas, verificam-se também esses valores em parte da Espanha e da América Central. Por fim, os valores de *experiência*, *continuidade* e *resultado* poderiam ser verificados em todo o território de fala espanhola.

O último estudo desse grupo pertence à Jara (2009), autora que segue a mesma proposta de Gutiérrez Araus (2001) ao apresentar dados dos principais trabalhos sobre os *pretéritos perfectos* na América (percorrendo o México, a América Central, as Antilhas, Venezuela, Colômbia, Peru, Chile, Argentina, Uruguai, Paraguai e a variedade Andina). Ponderando sobre tudo que

observou, Jara (2009) conclui que, na América, o PPC é empregado para se referir a eventos com relevância no presente e com significado aspectual perfeito.

Como já alertado desde o início deste trabalho, diante da pretenciosa intenção de descrever o comportamento de uma forma essencialmente polissêmica na imensidão territorial e pluricultural que é a América Hispânica, é previsível que encontremos um tratamento generalizador do PPC. Desse modo, julgamos imprescindível problematizar o reconhecimento da existência desse comportamento tido como comum a todo o continente.

Por outro lado, acreditamos que uma maneira mais eficaz de proceder ao estudo da forma composta na América parece ser a análise atenta de um espaço geográfico mais delimitado; tal como fizeram, com muita propriedade, Lope Blanch (1983), Moreno de Alba (1978) e Company Company (2002) para o espanhol do México<sup>7</sup>. Neste sentido, propomos melhor assentar as bases de nosso trabalho a partir da análise dos estudos já existentes sobre o uso do *pretérito perfecto* na Argentina.

### **O PPC nas variedades da Argentina.**

Como previamente comentado, os estudos de maior repercussão sobre a forma composta na Argentina desenvolveram-se tendo em vista, fundamentalmente, as variedades bonaerense e noroeste, sendo pouco considerados os trabalhos que fogem a esses eixos. Não obstante, atendo-nos aos interesses investigativos que apresentam estes trabalhos, percebemos dois tipos de abordagens: (a) uma preocupada exclusivamente com a norma linguística de alguma(s) das regiões argentinas e (b) outra interessada em descrever a manifestação do PPC na América e que, para tanto, apresenta brevemente a situação dos pretéritos na Argentina<sup>8</sup>.

Atentando-nos inicialmente a esta última abordagem, observamos que trabalhos como os de Gili Gaya (1970), RAE (1986), Lamiquiz Ibañez (1969) e

---

<sup>7</sup> Os trabalhos de Lope Blanch (1983) e Moreno de Alba (1978) são tidos, hoje, como fundamentais para o estudo do *pretérito perfecto*.

<sup>8</sup> Esse é o caso de muito dos estudos apresentados na seção anterior.

Oliveira (2006, 2007) afirmam a existência de um uso comum para todo o país – no qual predomina a forma do PPS. Tanto é assim que lemos, por exemplo, que<sup>9</sup>:

[...] a pesar de que la segunda forma [PPC] tienda a desaparecer en beneficio de la primera [PPS], especialmente en hablantes de algunas regiones hispanoamericanas, como en Argentina (LAMIQUIZ IBAÑEZ, 1969, p.261)<sup>10</sup>.

[...] na Argentina há maior disparidade entre o uso das duas formas verbais. Neste país, a forma *he visto* corresponde a 4,7% das 235 ocorrências do pretérito perfecto, e *vi* corresponde a 95, 3%. (OLIVEIRA, 2007, p.63).

Parece-nos que a conclusão tida pelos autores sobre o comportamento do *pretérito perfecto* decorre da generalização do uso observado na norma bonaerense às demais variedades geográficas do país. Por outro lado, uma segunda postura, que opõe o comportamento do PPC na região *norte* ao comportamento na região *bonaerense*, pode ser observada em trabalhos desenvolvidos por Kany (1969), Gutiérrez Araus (2001), Alarcos Llorach (2005) e Jara (2009), dentre os quais retiramos, a título de exemplo, as seguintes asseverações<sup>11</sup>:

[...] el panorama de uso de las formas *canté/he cantado* en este gran país es variado y aparecen *dos zonas* claramente diferenciadas al respecto: por un lado el *norte* del país: Tucumán, Salta, etc. y por otra parte, *Buenos Aires* y el *Litoral* (GUTIÉRREZ ARAUS, 2001, s/n)<sup>12</sup>.

[...] los estudios sobre el español argentino muestran *dos tendencias*. De un lado, la variedad del *Río de la Plata* [...]. De otro lado, la variedad del *noroeste argentino* (JARA, 2009, p.270).<sup>13</sup>

Soma-se a esta proposta compartilhada de bipartição, a observação do maior índice de ocorrência do PPS sobre o PPC na área do *Río de la Plata*.

<sup>9</sup> São nossos os grifos das citações a seguir.

<sup>10</sup> <Tradução nossa> “[...] apesar de que a segunda forma [PPC] tende a desaparecer em benefício da primeira [PPS], especialmente em falantes de algumas regiões hispano-americanas, como na Argentina” (LAMIQUIZ IBAÑEZ, 1969, p.261).

<sup>11</sup> São nossos os grifos das citações a seguir.

<sup>12</sup> <Tradução nossa> “[...] o panorama de uso das formas *canté/he cantado* neste grande país é variado e aparecem duas zonas claramente diferenciadas em relação ao assunto: por um lado, o norte do país: Tucumán, Salta, etc. e, por outra parte, Buenos Aires e o Litoral” (GUTIÉRREZ ARAUS, 2001, s/n).

<sup>13</sup> <Tradução nossa> “[...] os estudos sobre o espanhol argentino mostram duas tendências. De um lado, a variedade do Rio da Prata [...]. De outro lado, a variedade do noroeste argentino (JARA, 2009, p.270).

Baseando-se no estudo de Kubarth (1992), Gutiérrez Araus (2001) faz-nos saber que, apesar da significativa diminuição do uso do PPC em Buenos Aires, ainda trata-se de uma forma viva dentro desta zona. Não obstante, há de se observar que ela já

[...] no funciona como forma de anterioridad inmediata a la enunciación o antepresente, como tampoco se emplea en momentos culminantes o emotivos de la narración o enfatizador, sin embargo sí se emplea como forma resultativa con relevancia del presente (GUTIÉRREZ ARAUS, 2001, s/n)<sup>14</sup>.

Além disso, o avanço da forma simples estaria relacionado à preferência do grupo etário mais jovem.

Sobre o norte, por outro lado, os quatro autores destacam a maior incidência da PPC expressando, inclusive, o valor temporal de *antepresente*. Isso é o que também afirma a *Nueva Gramática de la Lengua Española* (RAE, 2009), manual que assinala ainda o uso da forma composta expressando *passado absoluto* no noroeste do país. Do mesmo modo, entrevistas realizadas com falantes da Argentina indicaram-nos que o valor de *passado absoluto* junto ao PPC poderia ser verificado até mesmo em parte da província de Córdoba (ARAUJO, 2009).

A pesquisa de Vidal de Battini (1964), destinada à descrição da língua espanhola empregada exclusivamente na Argentina, aporta-nos algumas informações não apresentadas nos estudos já expostos. Segundo a autora

En el habla del país no hay diferencias de sentido entre el pretérito (simple) y el perfecto (compuesto), pero sí hay preferencias regionales. Hay marcada preferencia por el uso del pretérito perfecto en la región Noroeste, particularmente desde Tucumán hacia el límite con Bolivia [...]. En el resto del país, y particularmente en la gran zona de influencia de Buenos Aires, se prefieren las formas del pretérito (simple) [...]. En la región central alternan las dos formas [...] con mayor tendencia a las formas simples (VIDAL DE BATTINI, 1964, p.189)<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> <Tradução nossa> [...] não funciona como forma de anterioridade imediata à enunciação ou antepresente, como também não se emprega em momentos culminantes ou emotivos da narração ou com valor enfatizador, no entanto, sim, se emprega como forma resultativo com relevância do presente (GUTIÉRREZ ARAUS, 2001, s/n).

<sup>15</sup> <Tradução nossa> Na fala do país não há diferenças de sentido entre o *pretérito (simple)* e o *perfecto (compuesto)*, mas sim, há preferências regionais. Há preferência marcada pelo uso do *pretérito perfecto* na região Noroeste, particularmente a partir de Tucumán até o limite

Em outras palavras, conforme aponta o trabalho levado a cabo nos anos 60, deveríamos observar no Espanhol da Argentina (a) uma igualdade do sentido expresso pelo PPS e pelo PPC, conformando, portanto, uma variável; (b) a preferência regional pelo uso de uma ou outra variante; (c) a existência de três padrões de uso, ou seja, além dos dois já conhecidos, haveria um terceiro verificável na região central – tida como zona de transição. Por outro lado, apesar das novas informações, notamos no trabalho de Vidal de Battini (1964) a carência de um importante dado, a saber: qual é o sentido que ambas as formas promulgam, supostamente, da mesma maneira?

Também procurando estabelecer um panorama de uso do PPC/PPS em toda a Argentina, Múgica (2007) se mostra partidária da tese de que ambas as formas compartilham exatamente o mesmo significado e que, por isso, deveriam ser tratadas como variantes cujo uso seria determinado pela norma presente em cada uma das regiões dialetais do país, tanto é assim que lemos:

[...] la distinción perfecto simple/perfecto compuesto no arroja diferencias de significado. Si en los hablantes particulares alternaran, se trataría verdaderamente de una variación ya que no aportarían diferencias de significado. Pero con diferencias de región a región, en el mapa de la Argentina, se elige uno u otro (MÚGICA, 2007, p.19).<sup>16</sup>

Buscando nos aproximar um pouco mais do intento dessa seção, seguiremos apresentando os trabalhos que se dedicaram especificamente à observação do *pretérito perfecto compuesto* em cada uma das regiões dialetais argentinas. Assim, iniciando com a *região bonaerense*, além do já tratado nos parágrafos anteriores, destaca-se ainda o estudo de Rodriguez Louro (2008), quem analisa um *corpus* constituído por mais de 10 horas e 44 minutos de conversas espontâneas, 8 horas e 38 minutos de entrevistas sociolinguísticas e 100 questionários escritos. Seus dados mostram a ocorrência de 372 formas do

---

com a Bolívia [...]. No resto do país, e particularmente na grande zona de influência de Buenos Aires, se preferem as formas do *pretérito* (simple) [...]. Na região central, as duas formas se alternam [...] com maior tendência às formas simples. (VIDAL DE BATTINI, 1964, p, 189).

<sup>16</sup> <Tradução nossa> [...] a distinção *perfecto simple/perfecto compuesto* não apresenta diferenças de significado. Se nos falantes particulares alteram, tratar-se-ia verdadeiramente de uma variação já que não aportariam diferenças de significado. Mas com diferenças de região a região, no mapa da Argentina, se escolhe um ou outro (MÚGICA, 2007, p.19).

PPC e 3252 formas do PPS. Em relação ao comportamento do *perfecto compuesto*, a autora nota uma maior recorrência em situações mais formais (266/71,5%) e, sobre os valores que se associam à forma, destaca a maior preponderância dos sentidos de *resultado*, *continuidade* e *experiência*. Por outro lado, no contexto de *pasado perfectivo (pasado absoluto)* e *relevância presente* observa-se o uso preponderante da forma simples, sem negar a existência também da forma composta. Soma-se a esse cenário a aparente ausência da forma composta expressando *notícias recentes (pasado inmediato)*.

Frente a esse quadro, Rodriguez Louro (2008) conclui que, na *región bonaerense*, “utiliza-se o PPC de forma limitada, mas estatisticamente significativa, e em diferentes contextos de formalidade para expressar *experiência*, *resultado* e *continuidade*”<sup>17</sup>. Além disso, “a maior frequência de uso do PPC no registro formal poderia assinalar que esta forma é considerada prestigiosa no espanhol bonaerense”<sup>18</sup>.

Avançando em direção à *región de Cuyo*, destacamos três trabalhos que se dedicaram diretamente à questão. O primeiro, de Moreno de Albagli (1998), após avaliar quase mil e quinhentas horas de entrevistas gravadas na cidade de Mendoza, apresenta 3758 casos do PPS e 847 do PPC. Considerando as variáveis extralinguísticas, a autora diz que o uso da forma composta tem seu índice aumentado conforme se aumenta a idade do grupo observado, isso seria assim, porque “este tempo, que implica relevância no presente de um fato passado, não responde às necessidades comunicativas da primeira geração estudada, na qual o passado é recente e muito breve”<sup>19</sup>. Em relação à variável *sexo*, parece que esta não é um determinante no uso do *pretérito perfecto*. Os diferentes níveis socioculturais, por sua vez, operam de maneira muito clara na produtividade da forma composta, isso porque conforme aumenta-se a camada

---

<sup>17</sup> “[...] el PP se utiliza en forma limitada, pero estadísticamente significativa, y en diferentes contextos de formalidad para expresar experiencia, resultado y continuidad.” (RODRIGUEZ LOURO, 2008, p.20).

<sup>18</sup> “La mayor frecuencia de uso del PP en el registro formal podría señalar que esta forma es considerada prestigiosa en el ERA.” (RODRIGUEZ LOURO, 2008, p.20).

<sup>19</sup> “Este tiempo, que implica relevancia en el presente de un hecho pasado, no responde a las necesidades comunicativas de la primera generación estudiada, en la que el pasado es reciente y muy breve” (MORENO DE ALBAGLI, 1998, p.72).

social, aumenta-se também o índice de uso do PPC. Não obstante fica pendente uma análise que cruze as informações advindas da relação do PPC com as variáveis idade e o sexo nesta região dialetal.

Sobre a abordagem qualitativa da forma composta, Moreno de Albagli (1998) observa a atribuição de um valor de *continuidade* (reiteração), de *resultado*, de *experiência*, de *passado imediato*, de *ênfase* e de *atenuação*. Após verificar todas as informações levantadas com a análise do PPS e PPC, a pesquisadora se pergunta por que em Mendoza se manteriam vivas as duas formas do *pretérito perfecto*. Procurando responder a indagação, afirma que:

[...] son las necesidades de uso en circunstancias determinadas las que, en primer término, promueven el intercambio de formas y, en segundo lugar, la situación específica de comunicación afirma el uso y la interacción – relación texto-contexto (MORENO DE ALBAGLI, 1998, p.87)<sup>20</sup>.

Nesse sentido, a autora nega qualquer afirmação que assegure, por exemplo, que a generalização do uso do PPS no contexto do PPC já se consumou na *norma mendocina* ou que todos os casos de uso do PPC podem ser substituídos pelo PPS. Assim, cremos que a síntese da contribuição do trabalho de Moreno de Albagli (1998) está em mostrar que “as duas formas do perfeito são vitais em Mendoza, já que têm valores pragmáticos diferentes e um uso delimitado”<sup>21</sup>.

Cubo de Severino (2004), autora do segundo trabalho que apresentamos sobre a abordagem do PPC na *região cuyana*, reafirma os dados apresentados por Moreno de Albagli (1998) e acrescenta algumas informações sobre San Juan, onde, segundo a autora, nota-se o avanço do PPS sobre o PPC. Finalmente, o estudo levado a cabo por Álvarez Garriga (2010), também sobre o espanhol em San Juan, mostra, de modo muito criativo e convincente<sup>22</sup>, que

---

<sup>20</sup> <Tradução nossa> “[...] são as necessidade de uso em circunstâncias determinadas as que, em primeiro término, promovem o intercâmbio de formas e, em segundo lugar, a situação específica de comunicação afirma o uso e a interação – relação texto-contexto” (MORENO DE ALBAGLI, 1998, p.87).

<sup>21</sup> “[...] las dos formas de perfecto son vitales en Mendoza, ya que tienen valores pragmáticos diferentes y un uso delimitado (MORENO DE ALBAGLI, 1994, p.72).”

<sup>22</sup> A autora opta por gravar uma interação social muito comum na Argentina: as rodas de *mate* (chimarrão). Nessa situação discursiva, relata-se sobre situações cotidianas ocorridas em um

a forma composta assume fundamentalmente a expressão de uma ação passada cuja relevância se observa no presente. Mais especificamente, a autora mostra-nos que os relatos apresentados pela forma composta desenvolvem-se junto a um pano de fundo criado pelo presente do indicativo. O valor *resultativo* é também observado pela pesquisadora.

Em particular, a pesquisa de Álvarez Garriga (2010) chama atenção para a ascensão do índice de uso do PPC na norma *sanjuanina*, comportamento que se deveria ao modo como os falantes relacionam-se com o tempo e sua conceitualização – pois, no caso dessa província, o processamento do *tempus* no PPC considera a possibilidade de estabelecer um vínculo entre o passado e o presente, devido, acreditamos, ao traço aspectual *perfecto*<sup>23</sup> mais marcado.

Estendendo nossa revisão bibliográfica para a *região noroeste*, verificamos nos trabalhos de Rojas Mayer (1985, 2004) uma atenção especial à língua espanhola empregada em Tucumán. Neles, aponta-se o predomínio da forma composta em detrimento da forma simples em provável resposta “à maior afetividade da fala da região”<sup>24</sup>. O índice de ocorrências do PPC tende a ser maior entre as classes médias e baixas, no entanto, nota-se uma significativa ocorrência também nas classes altas, inclusive em situações mais monitoradas. A abordagem qualitativa de Rojas Mayer (1985) mostra-nos que já no século XVIII e XIX podiam se observar os valores de *experiência*, *continuidade*, *relevância presente* e *resultado* associados ao PPC.

Terlera de Nanni (1981), quem também se dedica à análise do espanhol tucumano, nega que a maior produtividade da forma composta seja perceptível nas camadas sociais mais baixas; ao invés disso, mostra que quanto mais alta a classe social, maior é o índice de uso do PPC. O *cronoleto* constituído pelos

---

curto, médio e longo prazo de tempo. A essa narrativa, marcada pelo traço temporal de passado, soma-se o caráter vernacular que assume o discurso, pois trata-se de rodas de amigos em que o monitoramento linguístico aproxima-se ao nulo.

<sup>23</sup> Conforme nos explica Comrie (1993), no aspecto perfeito, o foco (TF) volta-se ao momento que está imediatamente posterior ao tempo da situação (TS), mostrando-nos, por isso, os resultados de TS ou, em outras palavras, a relevância presente de uma situação concluída.

<sup>24</sup> “[...] a la mayor afectividad del habla de la región [...]” (ROJAS MAYER, 2004, p 178). Por mais impressionista que possa parecer, essa seria uma das hipóteses que a autora apresenta como provável justificativa para a recorrência do PPC na zona.

mais jovens soma-se às variáveis extralinguísticas que favorecem o uso do *perfecto compuesto*. É devido à maior relação com o grupo mais jovem e mais alto socialmente que a autora atribui um maior prestígio ao PPC na província observada. Sobre os valores que lhe são atribuídos, Terlera de Nanni (1981) mostra-nos enunciados nos quais figuram o PPC com valor de *passado absoluto, continuidade, experiência e pasado inmediato*, sendo esse último valor, conforme observa a autora, mais comum em grupos mais velhos e com baixa escolarização.

Postigo de de Bedia e Díaz de Martinez (1995a, 1995b), por sua vez, atêm-se ao uso da língua espanhola em Jujuy e, assim, mostram-nos que, diferente do que se demonstrou para Tucumán, o uso do PPS é mais recorrente que o do PPC na província em questão. Além dessa particularidade, as autoras asseguram que as formas passaram por um processo de neutralização semântica e que, portanto, compartilhariam o mesmo referente temporal e aspectual. Assim, tratando o PPC como uma variante do PPS, Postigo de de Bedia e Díaz de Martinez (1995a, 1995b) relatam um maior uso da forma composta entre falantes mais velhos e entre a classe média, sendo esses dois grupos os responsáveis por ainda conservarem o PPC frente o aumento do PPS.

Tentando justificar esse comportamento, as autoras dizem haver uma “quase inconsciente imposição de estereótipos linguísticos precedentes de outras regiões do país” – para sermos mais exatos, provenientes da norma bonaerense. Finalmente, o que encontramos no trabalho de Martorell de Laconi (1995) é, em parte, uma síntese do que vimos<sup>25</sup> dos trabalhos anteriores, isso porque a autora destaca a preponderância da forma composta somente na região de *Tucumán* e atribui os mesmos valores às duas formas do *pretérito perfecto*, considerando-as, assim, como uma variável.

Na quarta região abordada, *do Litoral*, figuram diversos trabalhos levados a cabo exclusivamente por Donni de Mirande (1968, 1980, 1992, 1997, 2004a, 2004b), pesquisadora que aponta a existência das duas formas na

---

<sup>25</sup> “[...] casi inconsciente imposición de estereotipos lingüísticos precedentes de otras regiones del país”. (POSTIGO DE DE BEDIA; DÍAZ DE MARTINEZ, 1995b, p.485).

região, mas a evidente preferência pelo *perfecto simples*. Isso se deve, segundo ela, a uma neutralização dos valores que possuía cada uma das formas. Donni de Mirande (1997) também faz-nos saber que desde o século XVI, quando surgem os primeiros documentos oficiais próprios da província de Santa Fe, notava-se a predominância da forma simples, mesmo dentro de um quadro oscilante:

El pretérito perfecto compuesto fue usado [...] con menos frecuencia que el perfecto simple desde los primeros documentos santafesinos, continuando esa tendencia a lo largo del siglo XIX, aunque con algo más de ocurrencias de la forma compuesta en la segunda parte del siglo, cosa que tal vez podría atribuirse a la influencia de la llegada de numerosos contingentes migratorios del norte de España, donde la forma es más usada que en el sur (DONNI DE MIRANDE, 1997, p.287-288)<sup>26</sup>.

É desse cenário que se conclui que “a preferência pela forma simples do pretérito perfectode indicativo é um dos fatos mais estáveis na evolução linguística da região”<sup>27</sup>. Sobre os valores atribuídos ao PPC, conforme os exemplos apresentados por Donni de Mirande (1997), podemos observar, no século XIX, a existência do sentido de *antepresente*, de *passado absoluto*, de *resultado*, de *experiência* e de *continuidade*. Finalmente, a autora destaca a maior recorrência da forma composta no discurso jornalístico, em enunciados mais formais e pertencentes à classe alta.

Sobre a região *patagônica* (VIRKEL, 2000, 2004), retomamos um único trabalho encontrado, o qual nos assinala, muito brevemente, o predomínio da forma composta em todas as classes sociais da província de Chubut, sendo maior o índice entre o segmento etário composto por maiores de 30 anos. A autora ainda ressalta que, de modo geral, esse aumento do uso do PPC na *região patagônica* estaria relacionado à interferência da língua Mapuche. Próximos de encerrarmos, é relevante destacarmos a ausência de estudos

---

<sup>26</sup> O pretérito perfecto compuesto foi usado [...] com menos frequência que o *perfecto simples* desde os primeiros documentos santafesinos, continuando essa tendência ao longo do século XIX, mesmo que com mais ocorrências da forma composta na segunda parte do século, coisa que talvez pudesse se atribuir à influência da chegada de numerosos contingentes migratórios do norte da Espanha, onde a forma é mais usada que no sul (DONNI DE MIRANDE, 1997, p.287-288).

<sup>27</sup> La preferéncia por la forma simple del pretérito perfecto de indicativo [es] uno de los hechos más estables en la evolución lingüística de la región. (DONNI DE MIRANDE, 2004b, p.100).

destinados exclusivamente à análise das regiões *nordeste* e *central*, especialmente tendo em vista o alto índice de ocorrências do PPC nesta última zona – conforme observar o *corpus* compilado, composto por entrevistas radiofônicas das sete regiões dialetais (ARAUJO, 2012b).

### O PPC nas variedades da Argentina: por um cotejamento interregional.

O estudo intitulado *os valores atribuídos ao pretérito perfecto compuesto espanhol nas regiões dialetais da Argentina* (ARAUJO, 2012a) permite-nos uma aproximação mais atenta das sete regiões dialetais da Argentina à medida que não nos descreve somente o uso em cada uma delas, mas permite um cotejamento dos dados advindos das diferentes áreas. É pertinente observarmos que o estudo resulta da observação de um *corpus* composto por entrevistas radiofônicas (ARAUJO, 2012b). O quadro I permite-nos observar os primeiros dados oriundos desse estudo.

Valores	Região Bonaerense		Região Patagônica		Região Nordeste		Região Litoral		Região Cuyana		Região Noroeste		Região Central		Total		TOTAL DE USOS DO PPC
	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%	
Antepresente	0	0,0	0	0,0	7	24,1	0	0,0	2	4,4	7	9,2	7	8,1	23	7,4	
Passado Imediato	0	0,0	5	21,7	2	6,9	0	0,0	1	2,2	12	15,8	1	1,2	21	6,8	
Resultado	11	55,0	8	34,8	13	44,8	14	46,7	29	64,4	14	18,4	40	46,5	129	41,7	
Experiencial	5	25,0	3	13,0	2	6,9	6	20,0	9	20,0	13	17,1	22	25,6	60	19,4	
Persistência	1	5,0	2	8,7	4	13,8	5	16,7	3	6,7	9	11,8	11	12,8	35	11,3	
Passado absoluto	3	15,0	4	17,4	1	3,4	5	16,7	0	0,0	19	25,0	4	4,7	36	11,7	
Antepretérito	0	0,0	1	4,3	0	0,0	0	0,0	1	2,2	2	2,6	1	1,2	5	1,6	
Prospectivo	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	
total	20	100,0	23	100,0	29	100,0	30	100,0	45	100,0	76	100,0	86	100,0	309	100,0	
		6,5		7,4		9,4		9,7		14,6		24,6		27,8			

Quadro I. Da distribuição das ocorrências do PPC conforme seus valores e regiões (ARAUJO, 2012a, p. 168).

Em síntese, os dados permite-nos, *grosso modo*, observar três comportamentos da forma composta nas regiões dialetais argentinas, sob o ponto de vista quantitativo:

(I) Mais de 52% das ocorrências dão-se nas regiões *Noroeste* e *Central* (76 (24,6%) e 86 (27,8%) casos, respectivamente);

(II) Juntas, as regiões *Bonaerense* (20/ 6,4%), *Patagônica* (23/ 7,4%), *Nordeste* (29/ 9,3%) e do *Litoral* (30/ 9,7%) apresentam somente 33% do total de casos encontrados. Em outros termos, o uso do PPC em cada região não alcança os 10% da totalidade dos dados encontrados no país.

(III) Os dados da zona metropolitana de Mendoza – região *cuyana* – correspondem a quase 15% do total de casos. Assim, pareceu-nos haver uma recorrência intermediária em relação à produtividade acusada pelos dois contextos anteriores.

Aliado ao comportamento quantitativo, uma análise qualitativa mostra-nos que este três blocos também compartilham algumas características no que diz respeito à distribuição dos valores atribuídos ao PPC. Tanto é assim que verificamos

(I) nas regiões *central* e *noroeste* a ocorrência de todos os valores observados alguma vez no país<sup>28</sup>.

(II) nas regiões *bonaerense*, *patagônica*, *nordeste* e do *litoral* a ausência de pelo menos um dos sete valores observáveis em outras regiões. Em especial, nota-se uma maior afinidade entre as regiões *bonaerense* e *litorânea*, já que os *subcorpora* de ambas as áreas coincidem em não apresentar os valores de *antepresente*, *passado imediato* e *antepretérito*. Sobre os valores mais recorrentes, figura em todas as regiões o valor de *resultado* na primeira posição. Além disso, encontramos novamente um ponto de equivalência entre a zona *bonaerense* e *litorânea*, pois alocam o valor de *passado absoluto* na terceira posição dentre os usos mais recorrentes. Há de se destacar também que a região *patagônica* aproxima-se do comportamento verificado nas regiões *bonaerense* e do *litoral* quando observamos os valores de *antepresente* e *passado absoluto*.

(III) no *subcorpora* da região *cuyana* a ausência do valor de *passado absoluto* – verificado em todas as demais regiões. Por outro lado, o índice dos valores mais recorrentes segue a mesma tendência da ordem observada na totalidade do *corpus* de análise. Isso significa que se verificam os valores de *resultado*, *experiência* e *persistência* ocupando,

---

<sup>28</sup> Uma vez que não encontramos qualquer ocorrência do valor *prospectivo*, não o consideramos nas asseverações que fizemos a seguir.

respectivamente, o primeiro, segundo e terceiro lugares entre os casos mais recorrentes.

A descrição sinteticamente apresentada possibilitou-nos conferir, a partir da análise do uso efetivo da língua espanhola na Argentina, que a forma composta do *pretérito perfecto* possui um comportamento polissêmico no país, isso é, dentre os oito valores supostamente atribuídos à forma, sete foram verificados na Argentina, havendo uma recorrência de uso diferente conforme as regiões observadas. Além de descrever os valores do PPC, a forma como conduzimos os estudos possibilitou-nos observar que os resultados apontados por nossa análise estão relativamente de acordo com a postura de Company Company (2002), Moreno de Alba (2000) e Jara (2009); autores que defendem que a forma composta do *pretérito perfecto* assume na América um uso com traço aspectual marcado. Tanto é assim que verificamos na Argentina a recorrência de valores como *Resultativo*, *Persistência* e *Experiencial*, todos com uma contribuição do traço aspectual de *perfecto*.

## Referências.

ALARCOS LLORACH, Emilio. *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa, 2005.

ALMEIDA, Manuel. Perfecto simple y perfecto compuesto en el español de Canarias. *Revista de filología de la Universidad de La Laguna*, La Lagunas, n. 6 e 7, p.69-77, 1987.

ÁLVAREZ GARRIGA, Dolores. Perfecto Simple y Perfecto Compuesto: Un análisis de su variación en los discursos de asunción a la Presidencia de Néstor Kirchner y Evo Morales. In: COLOQUIO ARGENTINO DE LA IADA: "DIÁLOGO Y DIÁLOGOS", 4, 2009, La Plata. *Coloquio Argentino de la IADA: "Diálogo y diálogos"*. La Plata: Universidad Nacional de la Plata, 2009.

ÁLVAREZ GARRIGA, Dolores. El tiempo de la anécdota, del mate y del perfecto compuesto en la variedad sanjuanina. In: CONGRESO REGIONAL DE LA CÁTEDRA UNESCO EN LECTURA Y ESCRITURA: "CULTURA ESCRITA Y POLÍTICAS PEDAGÓGICAS EN LAS SOCIEDADES LATINOAMERICANAS ACTUALES", 1, 2010, Buenos Aires. *Congreso regional de la cátedra UNESCO en lectura y escritura: "cultura escrita y políticas pedagógicas en las sociedades latinoamericanas actuales"*. Los Polvorines: Universidad Nacional General Sarmiento, 2010.

ARAUJO, Leandro Silveira de. *"La gramática lo propuso, pero he escuchado..."*: um estudo comparativo sobre o uso dos pretéritos indefinido e perfecto segundo a perspectiva da gramática normativa e a impressão de uso efetivo de hispanofalantes. 2009. 70 f. Monografia de Conclusão de Curso (Bacharel em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 2009.

ARAUJO, Leandro Silveira de. *Os valores atribuídos ao pretérito perfecto compuesto espanhol nas regiões dialetais da argentina*. 2012. 212 f. Dissertação (Mestrado em linguística e língua portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 2012a. Disponível em: <  
[http://portal.fclar.unesp.br/poslinpor/teses/Leandro\\_Silveira\\_Araujo.pdf](http://portal.fclar.unesp.br/poslinpor/teses/Leandro_Silveira_Araujo.pdf)>, acessado em 31 de março de 2013.

ARAUJO, Leandro Silveira de. A elaboração de um corpus dialetal da língua espanhola falada na Argentina: contribuições dos gêneros discursivos e da análise textual automática. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v.1, p. 246-261, 2012b. Disponível em: <  
[http://gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/41/el.2012\\_v1\\_t19.pdf](http://gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/41/el.2012_v1_t19.pdf)>. Acessado em 31 de março de 2013.

CARTAGENA, Nelson. Los tiempos compuestos. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa, 1999. 2 v. P.2933-2975.

CARTAGENA, Nelson. Conservación y variación como factores de divergencia del verbo español en América: Posibilidades y límites de convergencias normativas. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA LENGUA ESPAÑOLA, 2º, 2001, Valladolid. *Paneles y ponencias del II Congreso Internacional de la Lengua Española*. Madrid: Centro Virtual Cervantes, 2001. Disponível em: <  
[http://congresosdelalengua.es/valladolid/ponencias/unidad\\_diversidad\\_del\\_espanol/2\\_el\\_espanol\\_de\\_america/cartagena\\_n.htm](http://congresosdelalengua.es/valladolid/ponencias/unidad_diversidad_del_espanol/2_el_espanol_de_america/cartagena_n.htm)>. Acesso em: 30 out. 2011.

COMPANY COMPANY, Concepción. Gramaticalización y dialectología comparada. Una Isoglosa sintáctico-semántica del español. *Dicenda: Cuadernos de filología hispánica*. Madrid, v.20, p.39-71, 2002. Disponível em: <  
[http://dialnet.unirioja.es/servlet/listaarticulos?tipo\\_busqueda=EJEMPLAR&revista\\_busqueda=417&clave\\_busqueda=60535](http://dialnet.unirioja.es/servlet/listaarticulos?tipo_busqueda=EJEMPLAR&revista_busqueda=417&clave_busqueda=60535)>. Acessado em 28 out. 2011.

COMRIE, Bernard. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

CUBO DE SEVERINO, Liliana. El español Cuyano. In: FONTANELLA DE WEINBERG, María Beatriz. (Coord.). *El Español de la Argentina y sus variedades regionales*. 2. ed. Bahía Blanca: Asociación Bernardino Rivadavia, 2004. p.207-240.

DONNI DE MIRANDE, Nélide Esther. *El español hablado en Rosario*. Rosario: Universidad del Litoral, 1968.

- DONNI DE MIRANDE, Nélica Esther. Aspectos del español hablado en el la Argentina. *Lingüística Española Actual*, Madrid, v.2, n. 2, p.299 -346, 1980.
- DONNI DE MIRANDE, Nélica Esther. El sistema verbal en el español de la Argentina: Rasgos de unidad y de diferenciación dialectal. *RFE*, v. 72, 1992.
- DONNI DE MIRANDE, Nélica Esther. Acerca de la historia del español en Santa Fe (Argentina). *Anuario de Lingüística Hispánica*. Valladolid, v. 12-13, p.269-288, 1997.
- DONNI DE MIRANDE, Nélica Esther. *Historia del español en Santa Fe del Siglo XVI al siglo XIX*. Buenos Aires: Academia Argentina de Letras, 2004a.
- DONNI DE MIRANDE, Nélica Esther. El español en el Litoral. In: FONTANELLA DE WEINBERG, María Beatriz. (Coord.). *El Español de la Argentina y sus variedades regionales*. 2. ed. Bahía Blanca: Asociación Bernardino Rivadavia, 2004b. P.75-120.
- GILI GAYA, Samuel. *Curso superior de sintaxis española*. 9 ed. Barcelona: Biblograf, 1970.
- GUTIÉRREZ ARAUS, María Luz. *Formas temporales del pasado de indicativo*. Madrid: Arco libros, 1995.
- GUTIÉRREZ ARAUS, María Luz. Caracterización de las funciones del pretérito perfecto en el español de América. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA LENGUA ESPAÑOLA, 2º, 2001, Valladolid. *Paneles y ponencias del II Congreso Internacional de la Lengua Española*. Madrid: Centro Virtual Cervantes, 2001. Disponible em: <[http://congresosdela lengua.es/valladolid/ponencias/unidad\\_diversidad\\_del\\_espanol/2\\_el\\_espanol\\_de\\_america/gutierrez\\_m.htm](http://congresosdela lengua.es/valladolid/ponencias/unidad_diversidad_del_espanol/2_el_espanol_de_america/gutierrez_m.htm)>. Acceso em: 23 nov. 2008.
- HERRERA SANTANA, Juana.; MEDINA LÓPEZ, Javier. Perfecto simple/perfecto compuesto: análisis sociolingüístico. *Revista de filología de la Universidad de La Laguna*, La Laguna, n. 10, p.227-239, 1991.
- HOWE, Chad.; SCHWENTER, Scott. Present Perfect for Preterite across Spanish Dialects. *Penn working papers in linguistics*. Pennsylvania, v.9.2, p.61-75, 2003.
- HURTADO GONZÁLEZ, Silvia. El perfecto simple y el perfecto compuesto en el español actual: estado de la cuestión. *EPOS*, n.15, p.51-67, 1998.
- JARA, Margarita. El pretérito perfecto simple y el pretérito perfecto compuesto en las variedades del español peninsular y americano. *Signo e Señal*. Buenos Aires, n. 20, p.255-281, 2009.
- KANY, Charles Emil. *Sintaxis hispanoamericana*. Madrid: Gredos, 1969.
- KUBARTH, Hugo. El uso del pretérito simple y compuesto en el español hablado en Buenos Aires. *Scripta Philologica in Honorem Juan M. Lope Blanch*, Ciudad de México, v. 2, p.553-566, 1992.

LAMIQUIZ IBAÑEZ, Vidal. El sistema verbal del español actual. *Revista de la Universidad de Madrid: Homenaje a Menéndez Pidal*. Madrid, v. 18, p.242-267, 1969.

LOPE BLANCH, Juan Miguel. Sobre el uso del pretérito en el español de México. In: LOPE BLANCH, Juan Miguel. *Estudios sobre el español de México*. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1983. p.131-159.

MARTORELL DE LACONI, Susana. *Estudios sobre el español de la ciudad de Salta*. Salta: Universidad Católica de Salta, 1995. 2 v.

MORENO DE ALBA, José Guadalupe. *Valores de las formas verbales en el español de México*. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1978.

MORENO DE ALBA, José Guadalupe. *El español en América*. Ciudad de México: FCE, 2000.

MORENO DE ALBAGLI, Néida Aurora. El español hablado en Mendoza. Alternancia perfecto simple/ perfecto compuesto. *Anales del Instituto de Lingüística*. Mendoza, v. 18-21, p.41- 108, 1998.

MÚGICA, Nora. Acerca de la tensión norma – variación lingüística. Sintaxis, morfología, léxico. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*. v. 5, n. 9, 2007. Disponível em: < [www.revel.inf.br/downloadFile.php?local=artigos&id=101&lang=pt](http://www.revel.inf.br/downloadFile.php?local=artigos&id=101&lang=pt)>. Acesso em: 22 de jun. de 2012.

OLIVEIRA, Leandra Cristina de. A variação diatópica no uso do pretérito perfeito simples e composto na língua espanhola: análise de *corpus*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA, 11º, 2006, Uberlândia. *XI Simpósio Nacional de Letras e Lingüística / I Simpósio Internacional de Letras e Lingüística (SILEL)*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2006. Disponível em: <[www.fflch.usp.br/dlm/comet/artigos/Leandra\\_artigo\\_SILEL2006.pdf](http://www.fflch.usp.br/dlm/comet/artigos/Leandra_artigo_SILEL2006.pdf)>. Acesso em: 30 out. 2011.

OLIVEIRA, Leandra Cristina de. *As duas formas do pretérito perfeito em espanhol: análise de corpus*. 2007. 130 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

PIÑERO PIÑERO, Gracia. El uso del perfecto simple y compuesto en combinación con unidades de tiempo que incluyen el *ahora* de la enunciación en la norma culta de Las Palmas de Gran Canaria. *Lingüística española actual*, Madrid, v. 20, p.109-127, 1998.

POSTIGO DE DE BEDIA, Ana María.; DÍAZ DE MARTINEZ, Lucinda. *Pretéritos perfectos en interacción verbal*. San Salvador de Jujuy: Universidad Nacional de Jujuy, 1995a.

POSTIGO DE DE BEDIA, A. M.; DÍAZ DE MARTINEZ, L. C. Pretérito perfecto simple y pretérito perfecto compuesto en el español hablado en Jujuy: variación y frecuencia. In: CONGRESO ARGENTINO DE HISPANISTAS, 4, 1995, Mar del

- Plata. *Actas del IV Congreso Argentino de Hispanistas*. Mar del Plata: Universidad Nacional de Mar del Plata, 1995b. p.482-485.
- RAE. *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa, 1986.
- RAE. *Nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa, 2009. v. 1.
- RODRIGUEZ LOURO, Celeste. Usos del Presente Perfecto y el Pretérito en el español rioplatense argentino. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE ALFAL, 15, 2008, Montevideo. *Actas del XV Congreso Internacional de ALFAL*. Montevideo: Alfal, 2008. Disponível em: <[http://alfal.easyplanners.info/programa/programaExtendido.php?casillero=612083000&sala\\_=Sala%20404&dia\\_=Jueves%2021%20de%20agosto#](http://alfal.easyplanners.info/programa/programaExtendido.php?casillero=612083000&sala_=Sala%20404&dia_=Jueves%2021%20de%20agosto#)>. Acesso em: 22 de jun. 2012.
- ROJAS MAYER, Elena. *Evolución histórica del español en Tucumán entre los siglos XVI y XIX*. San Miguel de Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, 1985.
- ROJAS MAYER, Elena. El español en el Noroeste. In: FONTANELLA DE WEINBERG, María Beatriz. (Coord.). *El Español de la Argentina y sus variedades regionales*. 2. ed. Bahía Blanca: Asociación Bernardino Rivadavia, 2004. P.161-187.
- SANTOS, Cíntia Ferreira dos. *Variação e mudança linguística dos pretéritos simples e composto, uma perspectiva sociolinguística e discursiva: amostras de Madrid, Cidade do México e Buenos Aires*. 2009. 259 f. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- TERLERA DE NANNI, Irene. et al. *El verbo y el adverbio: su uso en Tucumán*. San Miguel de Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, 1981.
- TORREGO, Leonardo. *Gramática didáctica del español*. 8 ed. Madrid: SM, 2002.
- VIDAL DE BATTINI, Berta Elena. *El español de la Argentina: Estudio destinado a los maestros de las escuelas primarias*. Buenos Aires: Consejo Nacional de Educación, 1964.
- VIRKEL, Ana Esther. *Español de la Patagonia: Aportes para la definición de un perfil sociolinguístico*. Buenos Aires: Academia Argentina de Letras, 2004.